

A PROPÓSITO DAS TESES DE MAMOUSSÉ DIAGNE

Modos de existência da literatura oral

Luís Kandjimbo /*

Ao elegerem como objecto de estudo os modos de existência da obra literária, as correntes dominantes da filosofia da literatura ocidental não reconhecem qualquer singularidade aos problemas suscitados pelas literaturas orais. Partindo sempre de um pressuposto assente no predomínio do texto escrito, as referidas correntes filosóficas dão primazia à abordagem geral do estatuto da obra literária ignorando a oralidade como prática discursiva, seus regimes e formas de manifestação da sua textualidade. No entanto, defender abordagens que caracterizam a filosofia da literatura, tendo em conta a necessidade de compreender os modos de existência da literatura oral, pressupõe um conhecimento das agendas de pesquisa, seus resultados, obras e autores.

A este propósito considero interessante a leitura da obra do filósofo senegalês Mamoussé Diagne de que destaco dois livros: “Critique de la Raison Orale” (Crítica da Razão Oral) e “De la Philosophie et des Philosophes en Afrique Noire” (Da Filosofia e dos Filósofos na África Negra). Trata-se de duas propostas para uma crítica do logocentrismo e da escritofilia, na medida em que com elas Mamoussé Diagne assume a tarefa de interrogar-se acerca da existência da filosofia num meio cultural caracterizado pela oralidade. E desta forma, inscreve-se na linha que considero igualmente defensável, fazendo apelo a um diálogo com especialistas de outras regiões linguísticas do continente.

Autor na literatura oral

Para o professor senegalês do De-

partamento de Filosofia da Universidade Cheikh Anta Diop, a existência da filosofia num meio cultural caracterizado pela oralidade deve ter em atenção questões associadas ao contexto performancial no âmbito do qual ocorre o discurso filosófico, aos procedimentos que a sua produção implica e à avaliação dos seus efeitos. Entre os mais relevantes problemas filosóficos da textualidade oral, podemos identificar duas instâncias que constituem o seu modo de existência: o autor e o público.

Relativamente ao primeiro, Mamoussé Diagne refuta com razão a tese do anonimato ou do unanimismo dos textos orais, na medida em que na sua concepção inicial encontra-se sempre um indivíduo singular. Situo na mesma linha a posição do nigeriano Isidore Okpewho, quando considera ser difícil identificar autores das obras criativas na literatura oral devido ao deliberado processo de supressão da sua identidade. Já o antropólogo ganense Kwesi Yankah é mais específico quando estuda a problemática da identificação dos autores de provérbios na tradição cultural Akan do Ghana.

Yankah entende que no processo de atribuição de autoria, enfatiza-se o pronome possessivo e o provérbio ou ditado é referido como propriedade do indivíduo nomeado. Deste modo, a subsequente e sistemática reprodução de tais obras criativas por outros membros da comunidade interpretativa não impede o reconhecimento de autoria do texto oral. Por essa razão, Isidore Okpewho defende a necessidade de estudar os mecanismos através dos quais a personalidade dos autores determina a interpretação do conteúdo do texto oral. Esta conclusão pode ser comprovada com

a comparação das suas variantes e versões, na medida em que, como dizia o democrata-congolês Georges Ngal, o artista opera com “um vasto texto virtual e objectivo da tradição” que se impõe como uma realidade extrapessoal, preexistente e concentração de determinismos. Mas entre os elementos cruciais que permitem compreender a complexidade do sistema literário da oralidade encontramos as circunstâncias performanciais em que o artista se revela perante o público. Trata-se da problemática dos contextos de enunciação, um domínio que tem merecido particular interesse de especialistas dos estudos literários e da filosofia.

Verbofilia versus escritofilia

Percorrendo a agenda de pesquisas dos investigadores africanos, verifica-se que ela inscreve trabalhos e resultados que tematizam as condições e o modo de existência da obra literária. O beninense François Dossou emprega dois neologismos, verbofilia e escritofilia, quando aborda os problemas que subjazem à coexistência da oralidade e da escrita nos processos de transmissão do saber em África. A mistificação da escrita transforma-a em símbolo hegemónico do saber, lançando-se a oralidade para um lugar marginal da esfera do irracional.

Perante a escritofilia dominante no universo dos estudos literários e da filosofia, tais reflexões são manifestações expressivas de uma ruptura epistemológica, na medida em que partem de um pressuposto fundado na verbofilia. Quando procedia ao levantamento da investigação no domínio dos estudos das literaturas orais africanas em 1985, o ganense Kofi Anyidoho considerava que a deslocação metodológica do texto para o contexto

constituía um dos avanços assinaláveis, passando a literatura oral a ser estudada como “performance” e acontecimento. Para Kofi Anyidoho tal mudança deve-se ao crescente aumento de encontros internacionais, edições de revistas especializadas e estudos consagrados às tradições individuais das literaturas orais africanas a partir da década de 70 do século XX. As principais tendências da investigação desenvolveram-se no plano da teoria e da metodologia, compreendendo os estudos comparados, a influência da tradição oral na obra de escritores africanos e a exploração das continuidades ou transformações nas tradições orais africanas das diásporas.

A orientação etnográfica e antropológica das pesquisas foi substituída por abordagens que exigiam a exploração da dimensão estética e literária, bem como dos recursos paralinguísticos. Pode dizer-se que a mudança de focagem na investigação das literaturas orais africanas tem lugar por força do crescimento progressivo de publicações especializadas de autores africanos cujo traço distintivo consistia no facto de serem detentores de uma competência linguística que permitia a realização de estudos aprofundados sobre as suas comunidades étnicas de origem.

No espaço africano em que se fala inglês, a título de ilustração, o inventário comporta autores e obras de referência de que se destacam os seguintes: S. Abedoye Babalola (nigeriano), *The Content and Form of Yoruba Ijala*, a primeira obra revolucionária (1966); Daniel P. Kunene (sul-africano), *Heroic Poetry of the Basotho* (1971); Kofi Awoonor (ghanense), *Guardians of the Sacred Word* (1971); John Pepper Clark Bekerem (nige-

riano), *The Ozidi Saga* (1977); Isidore Okpewho (nigeriano), *The Epic in Africa* (1979).

Literatura e Filosofia

Portanto, o debate sobre a concepção institucional das literaturas orais africanas introduz um novo círculo de problemas no campo da filosofia da literatura. Apesar de serem escassas as reflexões filosóficas sistemáticas consagradas exclusivamente às Literaturas Africanas, importa estabelecer conexões entre a filosofia e a literatura de modo a identificar a questão central respeitante às condições de possibilidade de um diálogo interdisciplinar. Para ilustrar esse trabalho de tematização filosófica da literatura, justifica-se prestar alguma atenção ao que se vem fazendo. É o caso da nigeriana Marystella Chika Okolo-Nwakaeme. No seu premiado livro “*African Literature as Political Philosophy*” (Literatura Africana como Filosofia Política), lamenta o facto de os benefícios da interface entre a filosofia e a literatura africanas não serem explorados com frequência. Reconhece a negligência que assombra a filosofia africana, relativamente à importância das obras literárias.

Por sua vez, o ganense Anthony Kwame Appiah e o camaronês Jean-Godefroy Bidima, em dois capítulos de uma obra de referência, *A Companion to African Philosophy* (Compêndio de Filosofia Africana), propõem uma outra análise do modo como a filosofia cruza com a literatura. Appiah examina a problematização da identidade africana na obra dramática e ensaística de Wole Soyinka. Já Bidima passa em revista as manifestações dessa fertilização cruzada nas literaturas de língua francesa, referindo entre outros o problema estético da literatura oral.

Lógica da oralidade

Se operarmos com a noção de textualidade literária oral constituindo-a como centro gravitacional, admite-se que a construção de uma “ordem do texto” supõe um universo de interrogações onde as perguntas e as respostas obedeçam aos regimes da oralidade, alargando assim o universo de objectos a que se aplica o conceito de literatura. Neste sentido, as “convenções constitutivas da prática literária” e as “convenções reguladoras do texto literário” passam a abranger os referentes que englobam o texto literário oral e as comunidades interpretativas da “razão oral”.

A perspectiva apresentada permite que Mamoussé Diagne aprofunde as suas teses. Por exemplo, aquela segundo a qual o pensamento oral enunciado de viva voz, o “logos oral”, em situação de exibição teatral, desafia a sua retenção duradoura perante as exigências da economia de tempo e da memória. Por isso, com o “logos oral”, Mamoussé Diagne replica a fórmula “lógica da escrita” do antropólogo inglês Jack Goody, definida a partir da relação com o suporte material com o qual se fixa e transmite o pensamento. Mas, ao mesmo tempo, pensa nas restrições impostas pelo contexto oral das produções discursivas na “civilização da oralidade”, cuidando dos procedimentos específicos que definem a “lógica da oralidade”.

*Ensaísta e professor universitário, M.Phil. (Filosofia), Ph.D. (Estudos de Literatura)

DON KIKAS NO CAPITÓLIO DE LISBOA

E como foi tão bom...

Don Kikas prometeu e a festa foi mesmo de arromba, com convidados VIP's e "patos finos". Bonga, Tito Paris, Eddy Tussa, Betinho Feijó, Galiano Neto e Carlitos Chiema foram os convidados num espectáculo em que se fez uma singela homenagem a Waldemar Bastos e a Carlos Burity. Em palco, esteve em evidência, de modo sintético, um quarto de século de muita Kizomba, Semba, Kilapanga e outros estilos cantados por Don Kikas



Analtino Santos

A presença de Don Kikas no Capitólio, em Lisboa, trouxe à baila a jovialidade do artista que continua com o mesmo rosto do menino do Sumbe que, a partir da capital portuguesa, conquistava o país musicalmente. No concerto-festa, montado e produzido por Ricardo Santos e o seu time da Freqüentplauso, Don Kikas teve o suporte instrumental de Tino MC (solo e ritmo), Peterson Gau (baixo), Anderson Ivo (teclados), Alex Zuk (bateria), Jéssica Pina (trompete), Elmano Costa (saxofone e flauta), Sofia Grácio (coros e piano), Yura Silva (coros) e o seu parceiro de composição, Galiano Neto, na percussão.

Como numa partida de xadrez e por acaso também título de um álbum seu, Don Kikas deu um xeque-mate com a escolha do repertório. O concerto foi transmitido no dominical "Espaço da Família Angolana", ou Live do Kubico, da TPA, na RTP África, Média Mais de Moçambique e nas plataformas digitais da Platinaline. Sensualidade, erotismo, romance, intervenção social, festa, patriotismo e outras histórias e estórias da maneira de ser mwanolé estiveram em destaque e voltaram a emocionar o país onde a espe-

rança continua moribunda. Foi exactamente com o tema "Esperança Moribunda" que o roteiro musical começou. Uma mensagem que, pelos vistos, continua actual: "Deus nos deu uma terra rica, ambição e muito mais"...

A imagem do Volkswagen colorido e o suspiro do bem bom veio com "Pura Sensação"; o menino que se fez homem no Prenda, contou a história de "João Dya Nzambi", professor engatado e pedófilo, uma música feita em parceria com Galiano Neto. Como já foi escrito neste espaço, "Amor de Ninguém", um dueto original com Pérola, é uma das mais belas colaborações entre artistas angolanos, que, no palco do Capitólio lisboeta, Don Kikas partilhou com Yura Silva. Nesta fase inicial em estilo Kilapanga e cantando em Kikongo, o músico falou da fome que assola muitas famílias em "Nzala", um tema em que contou com ajuda de Guy Destino.

Se os mais jovens afirmam que transformam a quinta em sexta, Don Kikas transformou o domingo em "Sexta-feira", dia de festa à boa maneira angolana com "aquela" fugida básica de casa, para ir tomar uns copos com os amigos. O lado picante voltou em "Como foi bom", a mexer com as madame-moças: "Tirei-te a

roupa toda, beijei-te o corpo todo, ficaste muito à toa... no quarto, na cama, no carro e como foi tão bom". Don Kikas teve ainda tempo para contar a história da Saquirima e da Mamã Zungueira, um comprovativo de que os exemplos de superação das mulheres guerreiras aqui da banda inspiraram o compositor que vive na terra do Ngana Puto.

Bem ao meio do concerto, o músico saiu-se com "Esperança Moribunda, parte 2", em que trata Angola como uma mulher que chora porque os seus filhos vivem a lutar e não sabe se a riqueza que brota do solo é boa ou má. Mais um momento para reflectir sobre a força do compositor e a exaltação da pátria sem floreos panfletários. Antes de todo o lago musical secar, ainda houve tempo para recordar os velhos cliques musicais e a fase inicial da carreira do músico ao som de "Angolanamente Sensual", com Kikas a dar uma de Don, e a tirada romântica "Lama do Amor": "Pensa em mim e em ti, deixa a mágoa toda pra lá..."

Para fechar de modo memorável, Don Kikas fez um grande "assalto" ao palco com "Semba Matinal" e "Ngaieta", com os dançarinos a recordarem os toques e a ginga da dupla Bruxa e Bruxa, numa coreografia de Mestre Pitchu. No boda de prata da

tarde de domingo o roteiro ainda passou por "Numa boa", uma das novas criações do cantor, que até recuperou, com direito à canjinha, "E ficou bwé coxito", tema original das Femme Move.

A presença de Bonga foi um dos momentos altos da actividade, com o jovem de 78 anos, que nasceu no Porto Kipiri e cresceu no Marçal, a partilhar em palco o sucesso "1900 Kabuza", e, da sua lavra, fez dançar os telespectadores e internautas com "Kisselenguenha". Durante a presença de Bonga em palco, Betinho Feijó e Carlitos Chiema juntaram-se à banda. Don Kikas aproveitou para realçar a importância destes instrumentistas na produção de muitos sucessos da música angolana, na vertente Semba, incluindo sucessos seus. Galiano Neto, o compositor e percussionista, também mereceu elogios e o reconhecimento.

Tito Paris foi outro convidado. O cabo-verdiano dividiu os vocais em "Muxima" e representou a irmandade entre os artistas africanos em Portugal. Vestido à maneira dos axiluanda, Eddy Tussa foi a surpresa ao aparecer para cantar "Pato Fora". Outros convidados inesperados foram Flávio, Enzo e Kuzi, filhos de Don Kikas que também ajudaram a dar o xeque-mate.



KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO

Percurso artístico

Emílio Costa nasceu aos 4 de Janeiro de 1974 na cidade do Sumbe. Ainda criança, acompanha os pais para o Brasil, onde começa a ganhar o gosto pela música. Aos 8 anos, regressa a Angola. Aos 18, emigra para Portugal, para dar continuidade aos estudos. Começa a cantar em discotecas e bares de Lisboa, até que surge o convite para gravar o seu primeiro disco, em 1994, que foi editado em 1995 com o título "Sexy Baby". Dois anos depois lança "Pura Sedução", em que, diferente do primeiro, além da Kizomba, aposta também no Semba. Com esta obra conquista o seu primeiro Disco de Prata e o prémio Música do Ano com o tema "Esperança Moribunda". Em 2000, com mais de 20.000 cópias vendidas do álbum "Xeque-Mate" arrebatou o Disco de Ouro em Portugal. Em Angola, no Top

da Rádio Luanda, arrasa conquistando os prémios "Disco do Ano", "Voz do Ano" e "Melhor Kizomba do Ano" com o sucesso "Na Lama do Amor". Volta aos discos de originais em 2003 com "Raio X", que contou com a participação de artistas de várias nacionalidades e estilos diferentes. E, mais uma vez, conquista o "Disco de Prata" em Portugal. "Viagens", editado em 2006, é um duplo disco que viaja entre as sonoridades mais modernas como a Kizomba e o Zouk, não deixando de passar pelas tradições do Semba, Kazukuta e Kilapanga.

"Regresso à Base", de 2011, foi gravado entre Lisboa, Luanda e Paris e marca uma nova etapa de Don Kikas, que passa mais tempo em Angola. Este CD foi um sucesso com vendas superiores a 10.000 cópias no dia do lançamento.



KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO

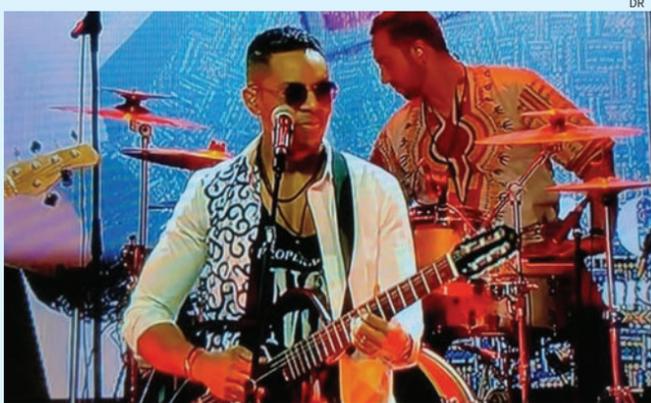


DR



DR

Discurso directo



DR



DR



DR

Recuperamos para os leitores o que Don Kikas escreveu na sua página oficial no Facebook. "O show foi sobretudo intenso. Vivi este concerto com o coração cheio de emoções, gratidão, responsabilidade, entusiasmo, amizade, amor, paz, realização e mais uma vez gratidão. Não apenas porque estamos a comemorar 25 anos de carreira (porque de música são muitos mais), mas também porque senti ali mesmo que o universo é extremamente honesto e generoso na sua lei do retorno. Sentir-me rodeado de amizade verdadeira e amor, consideração, entrega e profissionalismo. Porque nem tudo foi fácil nestes últimos 25 anos, pelo contrário, tenho superado até algumas adversidades e pessoas que empenham o seu tempo e energia para me tentar travar de várias formas. Muito mais forte e importante do que isto é saber que Deus nunca me abandonou, tem-me dado forças mental, espiritual e física para seguir em frente. E depois tenho o meu público, os verdadeiros fãs que sempre acreditaram no meu talento, mesmo quando não estivesse nos meus melhores momentos. Foram 25 anos de muitas vivências, e muitas lições, muitos palcos por todo o mundo onde cada aplauso para mim é uma vitória. Muitas amizades que ficarão para toda a vida. Algumas desilusões que viraram lições e até canções. Mas a vida é isto, de nada valeria o doce se não houvesse o amargo. (...)"

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO



BARROS LICENÇA, DIRECTOR DO IAPI

“A não implementação das leis de direitos de autor é preocupante”

A temática da propriedade intelectual, onde se inserem os direitos de autor e conexos, tem ganhado corpo na sociedade angolana. O livro “A utilização da Propriedade Industrial e as Políticas Públicas de Inovação em Angola – O papel do Instituto Angolano da Propriedade Industrial (IAPI)”, da autoria de Barros Licença, lançado recentemente, em Luanda, procura perceber as razões subjacentes à não utilização massiva do Sistema da Propriedade Industrial e a fraca inovação tecnológica no país, a partir do comportamento dos cidadãos nacionais perante a matéria. Em entrevista ao Jornal de Angola, Barros Licença fala do carácter científico da obra e do impacto das actividades criativas no país, tendo como referência o período de 2004 a 2014

Manuel Albano

Com a sua visão cosmopolita sobre a matéria, que contributos procura apresentar no livro?

Basicamente, partilhar experiências e conhecimentos, com os leitores no geral. Sendo que, para os leitores nacionais, em especial, trata-se de uma modesta contribuição no que à massificação do conhecimento sobre a temática diz respeito, sua importância e utilidade. Embora não aprofunde os conceitos nem discuta as posições doutrinárias, a obra apresenta alguns conceitos e definições básicas sobre as distintas matérias da propriedade industrial, e não só. Busca também, para efeitos comparativos, realidades de certos países mais desenvolvidos nas matérias, para além de espelhar a realidade angolana, e os leitores no exterior e os estrangeiros terão a oportunidade de conhecer este último aspecto (realidade angolana sobre a propriedade industrial e a inovação). Para os decisores políticos, pode ser uma referência a ter em conta, na elaboração de políticas públicas sobre a temática.

É um livro direccionado para um público específico ou para todos que se interessem pela matéria em causa?

Em princípio, a obra é para todos que se interessem pelas matérias. Porém, para o mundo académico, pode ser precursor e referência para futuros trabalhos sobre a temática. Para os órgãos públicos, responsáveis pela elaboração e implementação de políticas públicas, é uma

modesta contribuição que pode servir de referência, como atrás frisei.

Sendo um tema bastante complexo, acredita que já alcançou o conhecimento desejado na sociedade angolana?

Embora a pesquisa se refira ao período de 2004 a 2014, ainda é limitado o actual conhecimento sobre a temática. Mas é notório o crescendo do interesse da sociedade a respeito. Pelo que há que incrementar acções e as formas de massificação desse conhecimento.

Qual foi a sua maior preocupação, quando pensou em trazer a temática dos direitos de autor para a discussão pública?

É interessante que antes da decisão de fazer o mestrado, de que resultou a obra em presença, já fazia escritos que partilhava com a sociedade por via do Jornal Economia & Finanças, através de uma parceria que havíamos estabelecido para o efeito. Este exercício, posteriormente, continuou com o Novo Jornal. A preocupação era contribuir para a massificação do conhecimento sobre a temática, a par dos seminários que, multissetorialmente, sob a minha liderança, realizámos em todas as capitais provinciais. O interesse e o desejo de servir mais e melhor, buscando meios e formas mais estruturadas e consistentes, estiveram na base da minha frequência do mestrado. Logo que tomei conhecimento da existência e do objecto do Centro de Excelência sobre Pesquisa de

Políticas Públicas e Governação Local, achei que era a grande oportunidade para levar o tema à academia.

Já temos uma sociedade capaz de perceber a importância de se ter conhecimentos básicos sobre direitos de autor, no sentido de se evitarem os erros na interpretação e implementação das leis sobre a Propriedade Intelectual no país?

As leis existem para moldar e orientar a conduta dos membros da sociedade. Se os membros da sociedade participam na elaboração das leis, ou pelo menos, serem informados da sua existência e esclarecidos quanto ao conteúdo das mesmas, mais facilmente acatarão os comandos normativos. Meu caro jornalista, lamentavelmente, na área dos direitos autorais, o problema não se coloca ao nível da sociedade mas dos órgãos com responsabilidades acrescidas na temática, que não estão a aplicar as leis existentes. Pondo-se assim em causa todo um exercício multissetorial, e dos órgãos competentes intervenientes, que conduziu a produção das mesmas leis. Não permitir que as instituições e os órgãos administrativos criados para o efeito funcionem é, na nossa opinião, estar na contramão dos esforços em curso para melhoria do ambiente de negócios, que, no que aos direitos de autor diz respeito, anima e movimentou a entrada em funcionamento da sala do Comércio, Propriedade Intelectual e Industrial do Tribunal Provincial de Luanda.

Usufruto dos direitos autorais, sua protecção e litígios: o que mais o preocupa?

Preocupa a não implementação das leis. Veja que, por exemplo, na área dos direitos autorais, em termos legislativos, o quadro jurídico foi bastante melhorado. Se se permitir a implementação da legislação existente, o sistema nacional dos direitos de autor pode, efectivamente, funcionar. Isto é, os mecanismos de protecção e defesa instituídos podem ser acionados e os criadores e agentes usufruírem dos seus direitos económicos. E assim o sistema de propriedade intelectual, no geral, poderia cumprir os fins para os quais foi instituído.



...lamentavelmente, na área dos direitos autorais o problema não se coloca ao nível da sociedade mas dos órgãos com responsabilidades acrescidas na temática, que não estão a aplicar as leis existentes

Fale-nos sobre a importância da elevação da consciência da sociedade sobre a protecção da propriedade intelectual,

fundamentalmente os artistas e criadores?

Repare que a protecção da propriedade intelectual funciona como incentivo à criatividade e à inovação. As actividades dos artistas e criadores são as que fazem surgir novos produtos, não só para o deleite como para a indústria e os serviços, resultando em bens e serviços que proporcionam o bem-estar, não só deles como de todos os membros da sociedade. Logo, com um conhecimento maior sobre a utilidade e importância da temática, sobretudo dos ganhos económicos que se pode ter, pelo exclusivo da exploração das respectivas criações intelectuais, maior será a consciência para a sua protecção.

Os direitos de autor só incidem sobre obras intelectuais de natureza artística, literária e científica?

Não só. Conforme a nossa lei nacional, também incidem sobre o conhecimento tradicional e o folclore, bem como o conhecimento produzido a partir das tecnologias de informação.

Quando estamos diante de uma infracção ou violação dos direitos de outrem? Toda obra copiada como resultado de uma consulta física, oral e pela internet é considerada infracção à lei?

A lei tipifica três crimes: de usurpação, de plágio e de contrafação. Incorre no crime de usurpação quem, por exemplo, fizer a divulgação ou publicação abusiva de uma obra ainda não divulgada pelo seu autor ou não

destinada à divulgação; assim como a utilização excessiva de uma obra, prestação de artistas, fonogramas, videogramas ou emissão radio-difundida, excedendo os limites da autorização. Incorre no crime de contrafação quem, por exemplo, traduzir, editar, reproduzir e distribuir uma obra intelectual de natureza artística, literária ou científica, sem a autorização do criador ou detentor do direito.

Incorre no crime de plágio, por exemplo, quem fizer alteração parcial ou total de uma obra sem referir-se ao respectivo autor ou criador?

Repare que, para se considerar violação de um direito autorial, basta que se verifique a exibição e publicação de uma obra, ou a transformação da mesma, sem autorização do autor, ou ainda o seu uso sem mencionar o autor. Se este acto de copiar se destinar a um fim, não mencionando o autor, ou fonte, significa que o copiado pretende se passar pelo autor da informação copiada. Logo, isso configura o crime de plágio.

Relativamente à propriedade intelectual, onde se incluem os direitos de autor e conexos, existem mais casos polémicos no universo da música. Porquê? Isso é o que caracteriza a nossa realidade. Em termos de direitos autorais, a música é a disciplina mais mediática. Há outras realidades que a sociedade menos atenta não se apercebe. E os que tiram vantagens com esses actos ilícitos são os mesmos que fazem jogos de bastidores



Em termos de direitos autorais, a música é a disciplina mais mediática. Há outras realidades que a sociedade menos atenta não se apercebe. E os que tiram vantagens com esses actos ilícitos são os mesmos que fazem jogos de bastidores junto dos sectores

junto dos sectores, para influenciar de modo a que estes não promovam a aprovação de leis com medidas de combate a tais práticas, ou sendo aprovadas essas leis, não sejam aplicadas. Os mesmos, aparentemente, defendem os interesses do Estado, com argumentos não consistentes, quando na verdade são interesses pessoais ou de grupo, contrários aos da colectividade. Lamentável e tristemente, são-lhes dados ouvidos em detrimento das queles imbuídos do espírito de missão. A estratégia deles é: inviabilizar, ou no mínimo, retardar o funcionamento do sistema. Se não se der ouvidos aos verdadeiramente entendidos na matéria, aí sim, comete-se um tremendo erro.

Nas suas dissertações, sempre defendeu que “mais do que registar e proteger as obras o importante é fazer o uso e aproveitamento do sistema de propriedade intelectual?”. Há alguma razão?

Assim como defendo, também: mais do que pretender elevar qualquer bem cultural, seja em que categoria for (património nacional ou mundial), o mais importante é a sua exploração nas mais diversas dimensões. Pois, é dessa exploração que resulta a geração de matérias da propriedade intelectual, dinamizadora das indústrias culturais e criativas, potenciando a Economia da Cultura. Não significa isto dizer que sou contra a elevação, classificação ou registo de bens culturais. Até porque o registo ou elevação desses bens a qualquer uma dessas categorias ajuda a publicitá-los, facilitando a exploração dos mesmos. O que pretendo transmitir, isto sim, é que a par dos processos inerentes à elevação/classificação desses bens criem-se estratégias para o uso e aproveitamento dos mesmos, em prol do desenvolvimento económico e social, para além do cultural. Portanto, o registo por si só não proporciona qualquer vantagem.

Com a chancela da Imprensa Nacional, o livro “A Utilização da Propriedade Industrial e as Políticas Públicas de Inovação em Angola - O papel do Instituto Angolano da Propriedade Industrial (IAPI)”, segundo o juiz-conselheiro do Tribunal Constitucional, Carlos Teixeira, tem como pretexto “gerar conhecimento destinado a suportar intervenções políticas bem fundamentadas, que incentivem o uso e aproveitamento dos sistemas de inovação e protecção da Propriedade Industrial, para maior produtividade e permitir a inserção competitiva do país nos mercados regionais e mundial.”

A obra corresponde à dissertação do autor para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Jurídico-Económicas e Desenvolvimento, na Especialidade do Direito Empresarial Público na Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto.

De acordo com o jurista Carlos Teixeira, no livro, Barros Licença apresenta e discute o problema relacionado ao papel do IAPI na conjuntura actual, explica e faz um enquadramento teórico onde analisa, numa abordagem conceptual, a Propriedade Industrial. “Verifica-se, na presente obra, o posicionamento doutrinário relativamente à protecção da Propriedade Industrial e sua importância”, destacou Carlos Teixeira.

Barros Licença, enfa-

tizou o juiz-conselheiro, procura partilhar com os investigadores, instituições e outras individualidades a trajectória dos outros países relativamente à experiência que acumularam e à caracterização, ainda que sintética, dos sistemas de controlo e inovação sobre a Propriedade Industrial.

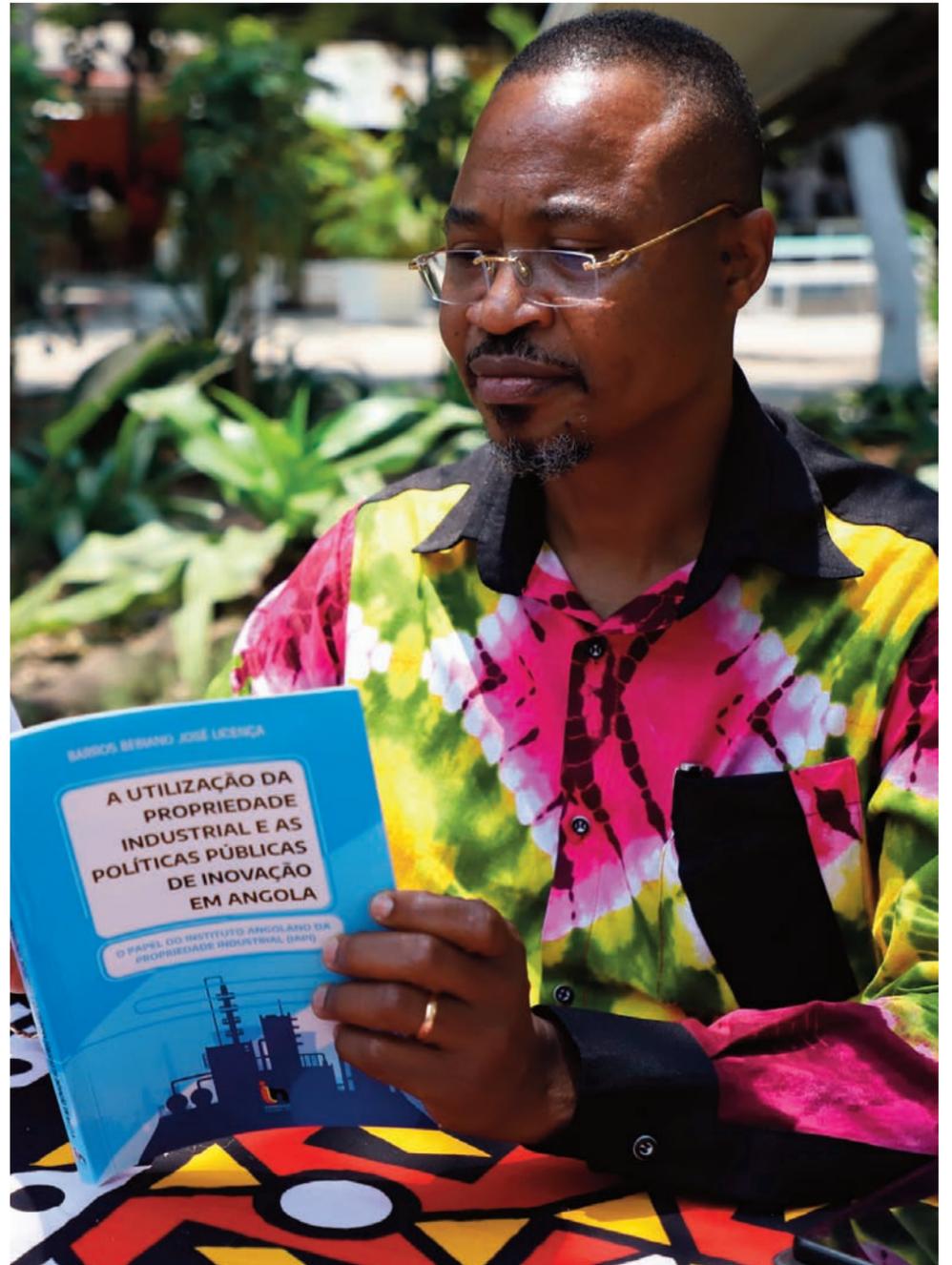
O autor, ainda na óptica do apresentador, faz um enquadramento contextual das estratégias de desenvolvimento a longo prazo em Angola e evidencia a estrutura do Instituto Angolano da Propriedade Industrial, nomeadamente o seu estatuto orgânico, as atribuições que lhe são cometidas e o seu funcionamento.

O professor de Economia, Manuel Mira Godinho, presidente do Conselho Científico do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) da Universidade de Lisboa, considera no prefácio que a obra é uma sistematização de conhecimentos que o autor foi adquirindo pela prática profissional e pelo conhecimento adquirido nos estudos pós-graduados, contribuindo assim “para a consciencialização dos angolanos”.

Com 195 páginas e três capítulos, o livro de Barros Licença é, para Manuel Mira Godinho, “um contributo para que, do ponto de vista da realidade angolana, se possam equacionar matérias de grande complexidade”.

Por dentro do livro

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO



VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Perfil

Barros Bebiano José Licença, filho de Bebiano Licença e de Maria José Kilai, nasceu a 5 de Setembro de 1970, no Calele, município de Porto Amboim, província do Cuanza-Sul. É licenciado em Direito pela Universidade Agostinho Neto; pós-graduado em Pesquisa Social e Análises Económicas e Mestre em Ciências Jurídico-Económicas e Desenvolvimento pela mesma Universidade.

Está no funcionalismo público desde 1987, quando começou como professor do Ensino de Base, no município do Sambizanga, na Escola 24.

Em 1997, transferiu-se para o Ministério da Indústria, tendo sido colocado no Gabinete Jurídico. Em 2000 foi nomeado chefe do Departamento Técnico-Jurídico, cargo que exerceu até Junho de 2009, altura em que foi nomeado para o cargo de director-geral do Instituto Angolano da Propriedade Industrial (IAPI) do Ministério da Indústria. Antes, e em acumulação, exerceu o cargo de Secretário Executivo da Comissão Nacional para a Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial.

Enquanto director-geral do IAPI, participou em várias acções formativas sobre propriedade intelectual e em eventos sob a égide da OMPI. Actualmente, é director-geral do Serviço Nacional dos Direitos de Autor e Conexos (SE-NADIAC), sucessor da Direcção Nacional dos Direitos de Autor e Conexos (DNDAC), que dirigiu de Janeiro de 2016 a Abril de 2019, altura em que foi extinto.

É casado e pai de cinco filhos.



ANTÓNIO GONÇALVES (1960-2020)

Poeta e homem de acção

A morte aos 60 anos, na noite de quarta-feira, do escritor, poeta, conferencista e antigo secretário-geral da União dos Escritores Angolanos, António Gonçalves, fechou o ciclo da vida de uma personalidade das letras que, além de nos deixar uma obra meritória no domínio da poesia, do conto e do ensaio, exerceu uma influência notável no cenário literário e certamente será lembrada numa futura História da Literatura Angolana

Isaquiel Cori

António Gonçalves é admitido como membro da UEA em 1995 e um ano depois ascende a secretário-geral. A instituição Literatura Angolana vivia então um intenso conflito geracional que se manifestava na forma de preconceitos linguísticos, com os novos autores a serem, generalizadamente, considerados como tendo fraco domínio da língua portuguesa. É nesse contexto que António Gonçalves abre a UEA, integrando no seu seio um grande leque de escritores jovens, oriundos, uns, da fase mais tardia das brigadas jovens de literatura - Luís Kandjimbo, Lopito Feijó, António Panguila, Carlos Ferreira, José Luís Mendonça e outros, do brigadismo inicial e comumente designados como membros da Geração de 80, já lá estavam - e outros sem historial de pertença a uma brigada ou oficina de literatura, todos, claro está, com o denominador comum de terem publicado um ou mais livros. Essa abertura não agradou a todos os membros mais antigos da organização.

É preciso dizer que a UEA, aos 10 de Dezembro de 1975, nasceu fortemente elitista. Os seus membros fundadores eram ex-guerrilheiros, combatentes da clandestinidade no interior, provenientes do exílio e ex-presos políticos, todos do MPLA, movimento de libertação que, um mês antes, com a proclamação da Independência por Agostinho Neto, acabou por se constituir na força dirigente

do país. O poeta-presidente ao assumir a liderança da mesa da assembleia-geral da recém-fundada UEA conferiu a esta organização todo o seu prestígio pessoal, literário e político; e exponeciou o prestígio da nova instituição ao atribuir à mesma a responsabilidade de orientação dos outros agentes de cultura e até dos órgãos de difusão de notícias.

O escol intelectual de Angola - entendendo como tal, na linguagem ideológica dominante na época, os intelectuais "progressistas", "revolucionários" - estava concentrado na UEA. A UEA era vista como uma organização cultural de vanguarda. Desse facto resultava que a UEA, até há poucos anos, era a "menina dos olhos" do MPLA, que a colocava sob a alçada da sua área que cuidava das questões ideológicas. A organização dos escritores durante décadas serviu de campo de recrutamento de quadros para o

alto escalão do aparelho partidário e do Estado. Já era praticamente "tradicional", aquando das eleições gerais, que um naipe de escritores membros da UEA fosse incluído na lista para deputado do MPLA. E era considerado "normal" que aquando das eleições no seio da UEA os candidatos fizessem uma "romaria" à sede do MPLA para consultas.

Hoje podemos considerar que o processo de abertura promovido por António Gonçalves, num quadro mais geral de abertura democrática do país, levou à deselitização e, mesmo, à "dessacralização"

da UEA. Se antes só o facto de ser membro da UEA já garantia um enorme prestígio social, agora é cada vez mais notório que o escritor deve conquistar o seu próprio prestígio, pelo mérito das suas obras e pela forma como se posiciona enquanto personalidade pública. É o velho chavão: "O escritor é ele mesmo um poder". Poder esse que resulta em prestígio para a instituição de que é membro, no caso vertente, a UEA.

(Abro este parêntese para sublinhar que a UEA sempre contou com grandes escritores).

Hoje podemos considerar que o processo de abertura promovido por António Gonçalves, num quadro mais geral de abertura democrática do país, levou à deselitização e, mesmo, à "dessacralização" da UEA



Biografia

António Gonçalves era sobrinho dos ilustres patriotas Hoji-ya-Henda e Uanhenga Xitu, de que se considerava herdeiro espiritual. Na dedicatória do poemário "Os Livros dos Ancestrais", a sua última obra publicada, o poeta escreveu, aludindo aos referidos parentes: "A semente segue germinando, eis-me aqui!". Este poemário tem toda uma parte com poemas dedicados à centralidade do Sequele, onde morava. São imortalizadas figuras da vida real, publicamente conhecidas, umas, e anónimas que despertaram a sensibilidade do poeta. Se Walt Whitman cantou a América que emergia da Revolução Industrial, com os caminhos-de-ferro que estendiam o capitalismo para o vasto território, António Gonçalves em parte significativa de "Os Livros dos Ancestrais" saúda a nova centralidade do Sequele, capta a peculiaridade das suas gentes e os seus recantos pittorescos e a coloca no "mapa" da poesia angolana.

No poema "Icónico postal do Sequele" Gonçalves suspira: "Oh, Sequele! / um céu altruísta / na crista de uma montanha sacra. / Sua gente diversa / adicta às conversas ocasionais / transformam reveses em avanços."

Walter, o DJ "acorrentado pelo peso da fama" e que foi "paiado" numa garrafa de bebida, a Tia Maria kajindaka, vendedora que "descarrega no mercado as makas do cubico", Arismendes, "aprumado intelectual" e "oficioso colunista do Sequele", o Poeta do Sequele, "vivido, orador sócrático que transforma as folhas brancas em fogo bravo", Lisboa Santos, o "anfitrião de kizombas tropicais" que "segue escrevendo canções à lua e ao sol abrasador do Sequele", compõem uma galeria de personagens fundadoras, graças à poesia de Gonçalves, da mitologia urbana do novo lugar.

No "Livro dos Ancestrais" António Gonçalves dedica ainda toda uma série de poemas à mulher, exaltando o poder que esta exerce sobre os homens e a sua relação com "os poderes da terra".

Numa entrevista concedida ao caderno Fim-de-Semana do Jornal de Angola em 2018, conduzida por quem assina este texto, António Gonçalves falou da experiência poético-criativa resultante da vivência numa nova centralidade urbana. "É uma experiência diferente. Embora tenha crescido no Bairro Neves Bendinha, que antes se chamava Bairro Cemitério Novo e depois Bairro Popular, frequentei muito o Rangel e o Cazenga, onde tinha fami-

liares, bem como o Sambizanga. É uma vivência muito própria que se diferencia das zonas urbanas como a Ingombota ou o Kinaxixi. O que vamos encontrar nas centralidades, sobretudo na onde vivo, são pessoas oriundas daqueles bairros que trouxeram os seus hábitos e costumes. Mas elas tiveram também que se adaptar ao novo meio, já que somos todos pioneiros nisso de conhecer como viver em centralidades, em que, no caso do Sequele, apesar de ser aberta, há normas, regras. No meio de tudo isso, há personagens que se destacam".

Gonçalves revelou então que, assumindo-se como uma espécie de historiador, tentou fixar os primeiros anos de vivência do Sequele. "Filo não só em função do que vi, mas também trabalhando-os. Por exemplo, a Tia Maria é uma pessoa muito conhecida no mercado, que é o ponto-chave do Sequele, frequentado por todos. O Man Jasse, que fala um português de categoria - "o ambaquista do Sequele" - é outro personagem conhecido, que, em função do estilo de vida e das contradições existenciais, está com um desequilíbrio mental, mas continua a ser conhecido como DJ."

A ida de Gonçalves a Cuba, onde durante dez anos exerceu a função de conselheiro cultural na embaixada de Angola, permitiu-lhe alargar os contactos e até mesmo inserir-se no meio cultural local e de outros países da América Latina. O poeta referiu-se assim à sua experiência latino-americana: "Em Cuba, publiquei seis livros bilingues, em português e espanhol, e dois totalmente em espanhol. Na Costa Rica, publiquei um livro em espanhol, que depois os cubanos reeditaram ('Emoções') e na Venezuela, 'A Quinta Estação do Tempo', em espanhol".

António Gonçalves nasceu em Luanda. Foi gestor hoteleiro. Frequentou o curso de Linguística no ISCED de Luanda, opção Língua Portuguesa. No período de 1996 a 2001 exerceu o cargo de secretário-geral da UEA.

Foi membro da União dos Escritores e Artistas de Cuba, da Organização Poetas do Mundo e do Movimento Poético Mundial com sede em Medellín (Colômbia).

Além de Angola e Cuba tem textos publicados na Nicarágua, Venezuela, Costa Rica, Colômbia, Suécia, Espanha e Alemanha.

Foi director-adjunto do Instituto das Indústrias Culturais do Ministério da Cultura.

A sua obra estende-se pela poesia, conto e ensaio.

O ÚLTIMO ADEUS A UM HOMEM DAS LETRAS

Hasta Siempre, Compay António!



Os cães nesta mesa dormem

1. Os cães nesta mesa dormem esta noite dançaremos numa mesa de bar. Os cães nesta noite dormem de repente cantaremos nesta mesa de bar

2. Os cães nesta mesa cantam esta noite dormiremos numa mesa de bar. Os cães nesta noite cantam de repente dançaremos nesta mesa de bar

3. Os cães nesta mesa falam esta noite cantaremos numa mesa de bar. Os cães nesta noite falam de repente morreremos nesta mesa de bar – o mundo!

4. Muitos cães nesta Mesa dormem muitos cães nesta Noite (ainda) dormem!

António Gonçalves, Agosto de 2014

A África que observo com os dedos

A África que observo com os dedos Não é igual àquela que os meus pés ouviram. Mas continua a produzir ancas secularmente piramidais Para pasto e repasto de abutres intemporais A África que observo com os dedos E transporto no olhar, já não usa sandálias De pele de jiboia para encantar as calumbas Do meu tempo.

Ela boia diariamente entre panos garridos de garras ocidentalizadas A África que observo com os dedos Deixa-me o cheiro do Nilo na epiderme

E na derme o gosto a pirão azedo Mas ainda provo suas cores púrpuras Como o dendém fresco A África que observo com os dedos África de N'krumah, Lumumba, Neto e Cabral Foi nascente e será foz, a réstia continental Que restará do holocausto da nossa podridão mental. E renascerá ó África! Então, observar-te-ei não com os dedos Mas com as mãos e o cérebro

António Gonçalves

Hasta Siempre, Compay António!

Tu que inventavas céus por onde volitavas à tua maneira e dos poemas paraísos de mil denúncias contra as injustiças humanas, a fome e miséria tão globalmente mantidas como irremediável... Tu tão aplaudido e venerado pelo Movimento Poetas Del Mondo! Por Cuba adentro assistí, com orgulho, as ovações à tua sensível e nobre pena, entre tertúlias e debates. António Ó, Poeta Angolano, diziam os declamadores e eu orgulhosa da terra e de ti! Lírico, espiritualista e humildemente tímido, como os grandes sabem ser, deixas teu corpo em terra e por que céus irás? Encontrarás a Passárgada de Manoel Bandeira ou a cabeça calva de Deus de Corsino Fortes, o grande admirador da tua poesia. Ó Compay António! Abraço tua mulher e filhos em solidária vontade de os ver florir

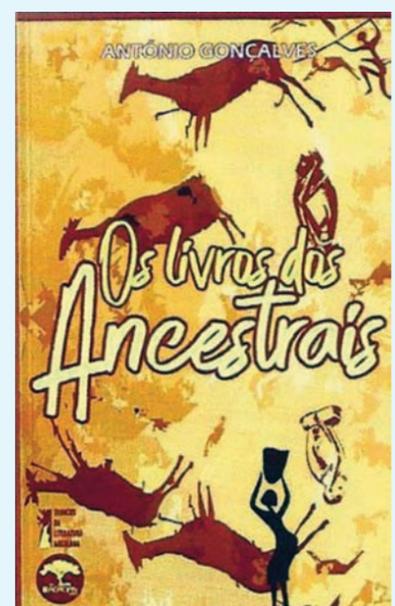
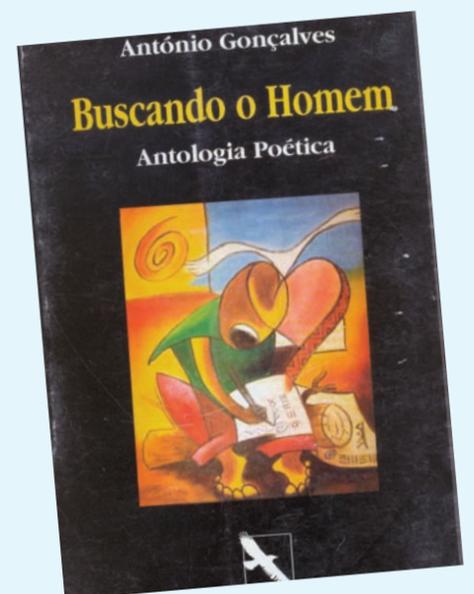
desde el Caribe pela Muxima nossa, de todos os vendavais e esperanças. Obrigada Compay António! A poesia vive.

Amélia Dalomba (15/10/2020)

Tony Gonçalves, meu xará

Contigo, é escusado falar de morte. Os poetas não morrem. Os poetas transcendem. Fazem ponte. Viajando na rima dum poema, sob o verso do canto de catete, seguiste. Teu lema. Traçaste-nos inspiração no ISCED. Inspiraste-nos. Inacabaste. Adido (a)tirou. Nem a arte. Nem a hotelaria. A viagem (a)tirou a hotelaria. Nem a poesia. Naquela noite de viagem, as estrelas hibernaram sua luz para poderes brilhar no seu céu. Que versos estarás a cozinhar nessa hoteleira transição? Para kitutes e estrofes, terás alguma panela de pressão? Levaste pelo menos a tua casmurrice e a inigualável vontade de debater para adoçar a filosofia da poesia? E nos teus leitores que não terão acesso a esses versos, pensaste? Oh, poeta, não te sabia assim egoísta! Nem me permites um cabocado de recessão ao refrão do teu acariciar da viola! Dedos cultura com gengibre e cola. Teu leito. Naquele poema sem versos, que não nos escreveste ainda, te teremos numa poética eternidade. Porque os poetas não morrem. Transcendem

António Quino



DICAS DE BAIRRO

“Encontros nos bares dão nisso”

Guinama não hesitou. Assim que estava a estacionar junto à casa a miúda, volta a receber uma chamada e responde: “Já cheguei. O taxista já estacionou. Já te vi”



Pereira Dinis

Com Covid-19, o Mamungua, no banze (casa) dele continua a exigir a biossegurança para quem quer que seja. Ninguém entra a vuvelai (como quer). Impôs regras. E porquê? Porque o negócio da mboa (mamã grande) por causa dessa maldita doença não está a perdoar quem quer que seja. A forma que o Mamungua conseguiu para dar o pão, o chá e um arroz com peixe frito à família é vender água do chefe (caporroto), que no tempo do MPLA sozinho era proibido, mas a aguardente das tugas (Portugal e Brasil) podia ser paíada (vendida) sem nenhuma kijila (problema).

Mas os nossos canvives – mais velhos – conseguiram dar a volta aos agentes do Corpo de Polícia de Angola (CPA) e vendiam, porque natureza não era qualquer cidadão que tinha estato para nganzar (beber) cerveja, vinho, uísque ou outro tipo de

bebida que vinha das bandas (estrangeiro).

É assim que o Mamungua no seu barenque (barzito) impôs regras com os seguintes dizeres à entrada: “Vende-se água do chefe de segunda a segunda-feira, das sete às 21 horas”.

O pessoal do Mbila (Sambizanga) e dos outros bairros quando se apercebeu começou a ir. Uns até começaram a chegar por volta das seis horas da manhã.

Mamungua advertia, dizendo que: “Estou a fazer o meu pequeno empreendimento para ajudar a família, porque Covid-19 veio estragar a vida dos pequenos, meios e grandes empresários, por isso quem quiser vir no balande (casa) para nganzar (beber) vai ter que banzelar (pensar) bem”.

O Guinama, o Panhaha, o Sete Pecador e outros kandengues (miúdos) seus menores estavam a pensar que o Mamungua estava a brincar. É assim que no passado sábado, até porque tinha merepe (dinheiro), foram, quando

eram seis da matina, no sítio do Mamungua exigindo que tinham que ser atendidos.

Aí Mamungua, junto da sua mamã grande, dos seus filhos e dos netuchos, disse: “Eu sou amigo dos vossos pais, estes é que cresceram comigo, estudaram comigo, fizeram tropa comigo e sofremos juntos no 27 de Maio. Por isso saem fora. Ficam distanciados um metro e meio. Só entram duas pessoas, aplacam (ficam) 15 minutos, nganzam dois ou três copitos e bazam (vão) para darem prioridade aos outros”.

Como é o mais velho do conjunto, os candengues aceitaram mas resmungando, dizendo que se abrirem outras fontes o Mamungua vai “nos perder”. Felizmente abriram outras tascas. Não se sabe se é verdade ou mentira, mas o certo que o sítio do Mamungua continua a ser o mais frequentado e todos que lá vão cumprem com as regras anti-Covid-19.

E é nesse sítio de encontro que o Gui-

nama, que diz ser um grande perigoso (engatão) pisca olho numa kandengue (miúda), aparentemente com 22 anos.

A conversa correu à mil maravilhas. A miúda abriu o jogo. Disse que tem dois filhos. Que não vive com o marido, porque é um vigarista, etc., etc. Guinama, depois de beber uma água do chefe, depois da beldade lhe ter dito aquilo e dizer mais que pretendia dinheiro para pagar o arrendamento da casa, nada mais fez senão uma transferência via Multicaixa Express.

Minutos depois da transferência a miúda recebe um telefonema e diz: “Leva-me até ao Cazenga”. Guinama não hesitou. Assim que estava a estacionar junto à casa, a miúda volta a receber uma chamada e responde: “Já cheguei. O taxista já estacionou. Já te vi”.

O Guinama é que contou o filme aos companheiros, na presença do Mamungua e este disse: “Encontros nos bares dão nisso”.

TEMPOS DIFÍCEIS

Tortura de reclusão obrigatória

“Se a imunidade do meu status quo fosse sanitária, a essas horas o mundo estaria confinado na minha mala de viagem”

Pedro Kamorroto

Os dias que seguem o curso do rio-tempo ou do tempo-rio revelam-nos quão aborrecida, volátil, vazia e frágil é a vida. Confinado dentro das quatro paredes a que o génio criativo – ser humano – decidiu chamar casa, questiono-me: será que é desta que hei-de conhecer a mulher que, durante todos esses anos, partilha comigo o mesmo espaço exíguo?

Na qualidade de maioral (falso maioral), pensei que teria o controlo de tudo, até da minha própria sombra, mas o que deveria evitar não evitei, sou responsável pelo desequilíbrio do sistema que faz eco; as grandezas maníacas de ser o topo da cadeia alimentar levaram-me para descaminhos ou caminhos ínvios. Mais uma vez reitero, não pude evitar, mas não gostaria de conhecer, desta forma grotesca e

implacável, os meus filhos, seus nomes, idade, peso, escolaridade, comportamento; seus medos e seus anseios.

De que vale o status quo que granjeio se não me conheço a mim mesmo nem a sociedade que forjo através dos laços de família? Tudo o que vislumbro à minha volta aborrece-me, não encontro prazer nos novos condicionalismos sociais, na nova configuração de estar, de agir e, quiçá, de ser. Excepcionais medidas ou medidas excepcionais, soberanas emergências, soberanas calamidades, esses jargões político-jurídicos que se me impõem têm mostrado que tenho liberdade e controlo absoluto sobre o nada. Ao fim e ao cabo, a liberdade é um álcool em gel ou etílico, que morre na palma da mão em cada fricção.

Não auguro bons ventos! Em casa dispuo o controlo remoto da TV com a prole, os desenhos no écran parecem-me desanimados,

e toda essa linguagem televisonada é um universo paralelo e estranho para mim. Para certas mundivivências, mundievidências e contextos, somos analfabetos.

Não somos adultos a todo o momento. As crianças, esses seres angelicais, gerem melhor as emoções e estão se marimbando para o imundo mundo dos possíveis adultos. Uma catadupa de sentimentos mistos e confusos esventram-me a alma.

Dou um trago numa cerveja, dou umas boas baforadas num cigarro até vê-lo a se transformar em beata, mas nem com isso consigo adiar ou dar um tiro certo na cabeça do tédio.

Quem Ludo pensa que é? Essa sofista de primeiro grau quer vender-me, a todo o custo, o seu manual de instruções de isolamento, a que decidi chamar Teoria Geral do Esquecimento, a mando dum(a) tal Água que sabe à lusa, que instrui

para me emparedar, para não sair de casa, porque os tempos de hoje são apocalípticos e de reclusão obrigatória. Não me quero isolar, quero, antes, porém, evadir-me de casa ou, no mínimo, abrir um enorme buraco negro para entrever se lá fora o mundo continua a ser mundo. É nessa hora que se alcança a inutilidade plena da vida, esse balão insuflável que se perde no ar à mínima precipitação.

E qual é a solução? Matar o palhaço que há em mim e fazer (re)surgir o rei. Mas o rei, ao fim e ao cabo, transfigura-se, também, em palhaço. Atire a primeira pedra quem nunca execrou a vida. Amaldiçoar ou vilipendiar a vida é o que faz qualquer mero mortal longe dos dogmas e fingimentos. E numa situação de pressão e incertezas pior ainda. Se a imunidade do meu status quo fosse sanitária, a essas horas o mundo estaria confinado na minha mala de viagem.

Na qualidade de maioral (falso maioral), pensei que teria o controlo de tudo, até da minha própria sombra, mas o que deveria evitar não evitei, sou responsável pelo desequilíbrio do sistema que faz eco